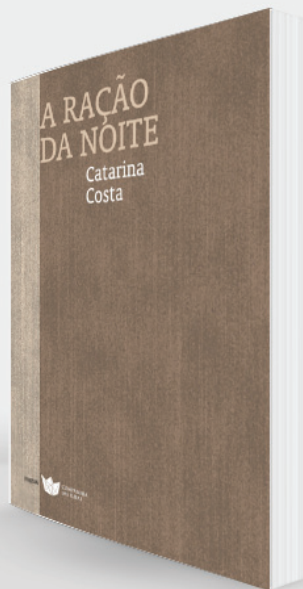


A Companhia das Ilhas apresenta

A Ração da Noite

Catarina Costa



Apresentação

«Poemas há que foram escritos como rações calibradas ao miligrama e que não são mais do que o indispensável à sobrevivência da carne desamparada. Assim deverão ser lidos os poemas d'A ração da noite, fármacos depurados para uma fome que os alimentos da terra não saciam.»

[Catarina Costa]

Excerto

A ração da noite

pouco depois da hora de ponta,
intervalo de tempo remanescente
de recolheres obrigatórios num país
que talvez tenha sido o nosso,
quando se volta por coordenadas
à medida do cansaço, gestos
recolhendo-se do abespinhamento,
essa é a hora mais cruel:

voltas por linhas de viés
sem que ensaies a retirada
amortecedora pela sombra:

experimentas fins indomáveis
és carne desamparada
enquanto o sono não desce
totalitário sobre o corpo
sete da tarde é a hora mais cruel:

a noite não te cai suspensa: aguarda-la
fixamente como se fosses agarrar o fim
neste quarto acolhedor em excesso
onde só tens que dar seis passos
para buscar o necessário, a ração da noite,
há muito preparada

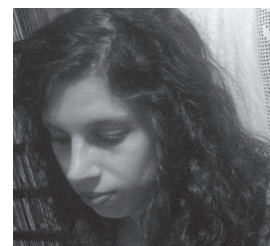
Ficha técnica

ISBN: 978-989-8592-63-7
Dimensões: 11x15cm
Nº páginas: 76
Ano: 2016, Setembro
Edição: # 087
Género: Poesia
Coleção: azulcobalto # 038
PVP: 11 €

Catarina Costa

Coimbra, 1985

Publicou os livros *Marcas de urze* (Cosmorama, 2008), *Dos espaços confinados* (Deriva, 2013), *Síndrome de Estocolmo* (Textura, 2014) e *Chiaroscuro* (Douda Correria, 2016) e este *A Ração da Noite*.



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

Catarina Costa estreou-se em livro há nove anos, com *Marcas de Urze* (Cosmoroma), a que se seguiu *Dos Espaços Confinados* (Deriva, 2013) e *Síndrome de Estocolmo* (Textura, 2014). Nessas obras iniciais, o que mais impressionava era o fascínio pelas infinitas possibilidades da linguagem, tacteadas como que a medo. É no entanto com a publicação quase simultânea de *A Razão da Noite* (Companhia das Ilhas) e deste *Chiaroscuro* que assistimos à afirmação de uma voz singularíssima, das mais fortes da poesia portuguesa recente. A primeira parte de *A Razão da Noite*, com a sua escrita do corpo como anomalia, é um poderoso exercício sobre a fronteira subjectiva que separa a sanidade da doença, esbanjando uma energia que nem sempre encontra forma de se expressar (“é uma fúria vã/ só pode destruir o que já está em cacós”). A ponte entre os dois livros estabelece-se através de um dos poemas mais fortes de *A Razão da Noite*. Intitulado “Ângulos fixos”, evoca os retratos de quem veio antes de nós e imaginou um futuro desconhecido, essas figuras familiares mas fora do tempo, de quem “desviamos o olhar” porque “sentimos que nos sentenciam/ a admirar com eles a mesma vasteza do presente/ sem que se cumpram os desígnios passados/ e não queremos partilhar com eles o mundo/ de que nos envergonhamos sermos o fruto mais acabado”. [...]

José Mário Silva, recensão crítica a *Chiaroscuro* (Douda Correria, 2016), na revista E do jornal Expresso, 4 de Fevereiro de 2017.

DOIS LIVROS DE CATARINA COSTA

Dois livros de Catarina Costa (n. 1985) publicados quase em simultâneo reclamam para a sua poesia uma atenção que seria indevido não oferecer. *Chiaroscuro* (Douda Correria, Julho de 2016) e *A Razão da Noite* (Setembro de 2016) estão longe de ser estreias, apesar da juventude da autora. A estreia sucedeu em 2008, com *Marcas de Urze* (Cosmoroma), ao qual seguiram-se *Dos Espaços Confinados* (Deriva, 2013) e *Síndrome de Estocolmo* (Textura, 2014). A poesia de Catarina Costa revelada nestes dois últimos livros oferece continuidade a um trabalho de apuramento da relação estabelecida entre palavra e imagem, problematizando em consequência desse labor as possíveis conexões do texto com a realidade. O próprio título *Chiaroscuro* remete para um jogo de contrastes entre luz e sombra, sendo perceptível nos poemas que estes contrastes incluem, por sugestão e comparação, oposições do presente face à memória, dos espaços físicos e materiais face aos espaços da imaginação, em suma da realidade face à palavra. Ambos divididos em três partes, não é apenas esse pormenor organizacional que aproxima os dois livros. Neles reconhecemos igualmente uma obsessão pelo anómalo. Se no primeiro conjunto de *A Razão da Noite*, intitulado “Neoplasias”, são as disformidades

da matéria corporal que estão em evidência, sendo os poemas ocupados por termos tais como verruga, inchaço, tumor, ferida, chagas, doença, dor, num complexo lexical que reforça com extrema violência e de um modo algo perturbador a dimensão patológica que enforma os poemas, já em *Chiaroscuro* as disformidades da matéria dão lugar a um outro plano do anómalo, o qual seja o da desfiguração e da desfocagem do olhar. A ideia de desfocagem que percorre os textos faz-se acompanhar das opacidades que dificultam a relação do ser com a memória, da memória com a realidade, da realidade com o pensamento, deste com a linguagem, instalando entre todas estas dimensões um factor desorientador da verdade, a qual resultará invariavelmente sob a forma fantasmagórica de uma indefinição e de um desfasamento.

Deste modo, seja quando observa uma fotografia de um jornal antigo, quando recorda as impressões causadas pela observação de “Las meninas” aos 10 anos, quando recorda o bolo de aniversário aos seis anos ou quando revê o registo fotográfico de uma máscara de carnaval aos 11 anos, as memórias aparecem invariavelmente «envoltas num manto nevado» e o que emerge desse manto é a declaração de uma mentira: «São mentiras infantis, pequenas coisas / que me vejo na obrigação de esconder: / por exemplo um espelho que quebrei / e que agora distorce de tal modo o que espelha / que não mostro a ninguém, / apesar de não querer que os meus dedos / sejam os únicos a tocarem o rebordo». Sublinhe-se nesta estrofe, além do mais, a “obrigação de esconder” a par de um desejo de partilha acompanhado por uma vontade: «não querer que os meus dedos / sejam os únicos a tocarem o rebordo». Não por acaso, a segunda pessoa que surge a espaços nos dois livros parece assumir, por vezes sem sucesso, esse papel de confidente, ao qual caberá contribuir para o degelo (título do terceiro conjunto do livro *A Razão da Noite*) de uma intimidade recalcada, o das memórias «envoltas num manto nevado». Eminentemente psicanalítica, a linguagem destes poemas extrema as faltas de um sujeito poético marcado pela carência e pelo insucesso da poesia enquanto catarse, pois também o poema detém filtros que obstaculizam a revelação: «és carne desamparada / enquanto o sono não desce» — diz-se assim mesmo, a páginas 43, no poema que oferece título ao volume *A Razão da Noite*. Não obstante, sobressai destes trabalhos do olhar uma problematização do ser que de algum modo realça a sua natureza complexa. Ainda que a espaços a densidade de alguns poemas dificulte essa percepção, desviando-nos ou distraíndo-nos daquele que possa constituir o seu principal foco, a impressão final é a de uma viagem mais reflexiva do que contemplativa pelos interstícios da mente humana. [...]

Henrique Manuel Bento Fialho, em <http://universosdesfeitos-insomnia.blogspot.pt/2016/10/dois-livros-de-catarina-costa.html>

